



José Paulo/AE

A distância das cidades satélites de Brasília eleva as despesas com transporte: Cleide e Manoel gastam Cz\$ 12 mil por mês para mandar o filho à escola.

Brasília deixa a periferia abandonada

ELIANA LUCENA

BRASÍLIA — Terra de ninguém, orfãs do poder, cidades deserdadas. Esse é o quadro do chamado entorno (arredores) de Brasília, que envolve as áreas limítrofes entre Goiás e Distrito Federal e define bem a situação absurda em que vivem seus habitantes. Morando em média a 50 quilômetros do Plano Piloto de Brasília, mas já em território goiano, essa população — cerca de 600 mil pessoas — é absolutamente carente: faltam escolas, hospitais, segurança e saneamento. Embora alguns desses núcleos, como Santo Antonio do Descoberto, contribuam com 90% de sua mão-de-obra para o mercado de Brasília, nada recebem em troca, a não ser o estigma de serem considerados uma "nova Baixada Fluminense".

É com muita revolta que o piauiense Isaac Costa caminha todos os dias três quilômetros, atravessa a ponte sobre o rio Santo Antonio do Descoberto na entrada da cidade e espera o ônibus da Viação Pioneira para levá-lo até o Plano Piloto, uma viagem que pode demorar até duas horas. Esse quadro mostra o descaso em relação à população dos arredores: como a ponte define a fronteira entre os dois estados, a população é obrigada a atravessá-la a pé e esperar o ônibus de Brasília, que é impedido de fazer linha interestadual.

No Descoberto, cidade que se emancipou de Luziânia em 1982, todos têm queixas. "Aqui as escolas não cumprem o ano letivo, contratam professores sem diploma, que recebem meio salário mínimo e, muitas vezes, as aulas são suspensas sem maiores explicações", reclama Gilberto Ferreira. Ele acha que o governo deveria, de uma vez por todas, resolver a situação da cidade que, na sua opinião, "é interestadual". Outro morador da cidade, que tem 30 mil habitantes, Adauto Castro, lamenta que tenha sido obrigado a enfrentar filas de ônibus e uma longa viagem para fazer a sutura de um corte na cabeça, no hospital da cidade satélite de Taguatinga. Em Descoberto existe apenas um precário posto de saúde.

O candidato a prefeito pelo PMDB nas próximas eleições, Hélio Mangabeira, que nasceu em Descoberto, conta que em 1972 só existiam dez casas na cidade. Daí em diante ela começou a sofrer um processo de inchamento incontrolável, ao receber os fluxos migratórios que chegam a Brasília e acabam expulsos para a periferia. O prefeito Abdon Elias critica os governos do DF: "Nunca tivemos qualquer tipo de apoio de Brasília, que absorve nossos trabalhadores e na verdade só contribuiu até hoje para poluir a água do rio Descoberto com os esgotos de Taguatinga e Ceilândia".

Com uma folha de pagamento mensal de Cz\$ 6 milhões, os re-

ursos que recebeu do Fundo de Participação dos Municípios já esgotados, o prefeito afirma que tenta "fazer milagre". E diz que a sua esperança, agora, é a confirmação de Guilherme Roriz para o governo do Distrito Federal. "Ele é um homem identificado com os problemas do entorno" — garante.

Cidade Ocidental, Valparaíso, Novo Gama, Pedregal, Céu Azul e Brasilinha são outras cidades do encontro que também funcionam como cidades-dormitório e vivem problemas semelhantes. Os artesãos Manoel e Cleide Carrero, com sete filhos, vivem na Cidade Ocidental o mesmo drama de outras famílias dessas áreas. "Meu filho estuda em Brasília, mas não consegue passe escolar porque somos de Goiás", lamenta Cleide. A sede do município não tem boas escolas de 2º grau e o casal não sabe como resolver o problema: Só Rafael, de 16 anos, gasta por mês em condução Cz\$ 12 mil, para freqüentar a Escola Elefante Branco, na Asa Sul do Plano Piloto.

INTEGRAÇÃO

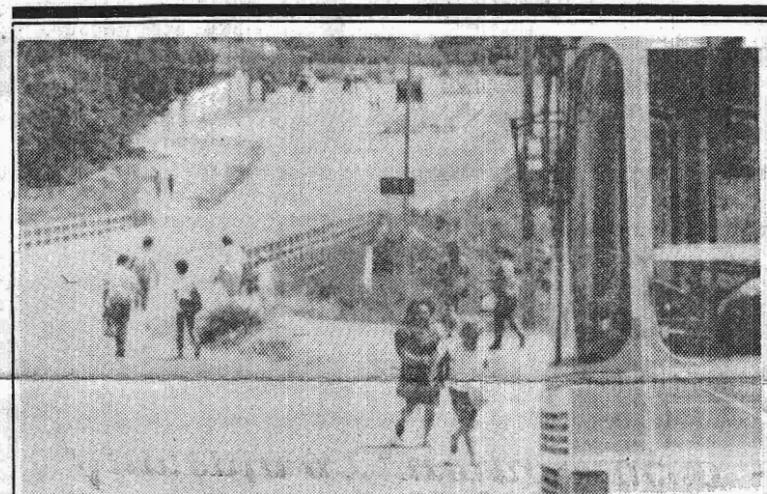
"Nessa época de eleições — conta Cleide — os políticos invadem a cidade e fazem campanha para a transferência dos títulos de eleitor. Passada a euforia, volta o abandono." Para reforçar os percalços que enfrenta, ela conta ainda que o marido, argentino,

quando precisou renovar o visto de permanência precisou ir até a superintendência da Polícia Federal de Goiânia. E para chegar a Goiânia ele precisa pegar um ônibus em Brasília, onde trabalha.

A população, administradores e prefeitos das áreas reivindicam uma ação integrada entre os governos de Goiás e do Distrito Federal principalmente para melhorar o atendimento em saúde, educação e segurança. "Sem um policiamento integrado, os assaltantes deixam a capital e se escondem nessas áreas que circundam Brasília, — denuncia o prefeito de Luziânia, Orlando Roriz. Muitas estradas que ligam o DF a estes núcleos são conhecidos como "rotas de desova", onde são encontradas carcaças de carros roubados e pessoas assassinadas.

Na área de saúde o problema não é diferente, segundo o prefeito. "Luziânia não tem condições de atender a população do município, hoje em torno de 350 mil pessoas" — diz ele. "Temos seis ambulâncias que trabalham o dia inteiro, levando doentes para os hospitais de Brasília." Roriz sustenta que Brasília, como pólo de atração, provoca problemas gravíssimos nas áreas circunvizinhas e, por isso, tem a responsabilidade de ajudar na sua solução.

A mesma posição é defendida pelo deputado Augusto Carvalho, (PCB-DF): "Não dá mais para Brasília continuar olhando só para o seu umbigo" alerta.



Aumenta a marginalização

BRASÍLIA — Limitar a região dos arredores de Brasília é tarefa difícil até para os administradores. A área de influência da Capital e suas cidades satélites, hoje com 1,8 milhão de habitantes, aumenta a cada ano, atingindo municípios distantes até 100 quilômetros, como Cristalina e Alexânia, em Goiás, e Unai, em Minas Gerais.

Mas os cinco municípios que mais diretamente são pressionados e, por sua vez, pressionam a capital são Luziânia, Cristalina, Santo Antônio do Descoberto, Planaltina e Formosa, que concentram uma população em torno de 600 mil habitantes. Ligados a esses municípios, surgem novos núcleos habitacionais, em sua maioria sem uma infra-estrutura

adequada, os quais abrigam famílias que não podem mais suportar a vida cara no Distrito Federal, mesmo em suas cidades satélites, como Taguatinga, Gama e Sobradinho.

Ao viver cada vez mais longe de seus locais de trabalho, essas populações, no entanto, continuam a procurar o Plano Piloto e as cidades e núcleos do entorno continuam a inchar sem condições de garantir emprego e serviços básicos de atendimento à comunidade. Existe até a Associação dos Municípios Adjacentes de Brasília, que apresentou ao governo uma série de propostas para reduzir os problemas nessas áreas, mas até agora a solução ficou apenas no papel.